

S TRANGE FRUIT: A SUBLEVAÇÃO NEGRA ATRAVÉS DA MÍDIA DE MASSA

João Vitor Romania Balbino¹

RESUMO

A história da cultura negra estadunidense é por vezes omitida e seu âmago mais débil, centrado nos anos da escravatura, entre 1619 até a Emancipação, em 1863, é raramente discutido. No entanto, o açoite ainda ecoa transmutado em palavras opressoras, olhares tenazes e ataques de ódio contra a pele negra. Nesse panorama, colhendo de “Como viver em tempo de crise?” por Edgar Morin e Patrick Viveret, esse artigo tem o objetivo de abordar as manifestações desse contingente nas mídias de massa (tal como o movimento vogueing, caminhando para o esforço atual de rappers como Jay-Z e Kanye West na articulação do hip-hop como arte) e como elas foram decisivas para a evolução da crise racista que se alastra por mais tempo que qualquer recessão já existente.

PALAVRAS-CHAVE

Cultura Negra; Crise Social; Mídia; *Black Power*; Esperança.

INTRODUÇÃO

As estranhas frutas penduradas nos choupos zigzaguearam nas vozes de Billie Holiday, Nina Simone e tantos outros que criaram trincheiras ocultas, que se não foram para manifestarem-se, serviram pelo menos para tornar tangível uma história que forçam a efemerizar. Esta, uma das mais emblemáticas músicas da época de ouro do rádio, criada inicialmente como um poema, sumariza perfeitamente o mártir da população afro-americana. Strange Fruit é não apenas uma canção, mas um documento de uma das primeiras exteriorizações de cunho ativista racial em veículos de massa (o rádio), quando Holiday a gravou e distribuiu em 1939. A canção é a metonimização dos mártires sofrido pela população negra, baseada nos linchamentos e torturas sofridos por escravos, principalmente do Sul, que eram enforcados em árvores:

*“Southern trees / Bear strange
fruit / Blood on the leaves / And
blood*

*at the roots / Black bodies / Swin-
ging’ in the southern breeze /*

*Strange fruit hangin’ / From the
poplar trees”*

*(Trecho de Strange Fruit na ver-
são original)*

A música é um ícone, que Samuel Grafton, redator do The New York Post, descreveu no mesmo ano como: “Se a ira dos explorados já foi além do suportável no Sul, agora há a sua Marseillaise”, citando o

¹ João Romania é graduando do 5º período do Curso de Relações Públicas, Propaganda e Turismo, especialização em Publicidade e Propaganda, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - ECA USP. E-mail: joaoromania@gmail.com

hino revolucionário da França. Dessa forma, a história afroamericana (e sua própria identidade) começam a ser delineadas e, de certa forma, recuperadas de um passado encoberto por mãos baronescas e alvas com expressões artísticas veiculadas em meios de massa, tais como o rádio e a televisão. Agger, (1992, p.89), define essa tentativa de revisitação do passado através de produtos culturais da seguinte forma:

Segundo: a cultura não significa simplesmente sabedoria recebida ou experiência passiva, mas um grande número de intervenções ativas — expressas mais notavelmente através do discurso e da representação — que podem tanto mudar a história quanto transmitir o passado.

Por conseguinte, este artigo tem como intenção não recontar a escravatura, a Guerra Civil, as conquistas e reivindicações libertárias de Martin Luther King e Malcom X na luta dos direitos civis, ou até mesmo a trajetória de Barack Obama. Mas, lograr dos conceitos de crise abordados por Edgar Morin de uma forma menos literal, mas não menos intrínseca. Analisa-se aqui o desenvolvimento do papel de artistas do começo do século XX e contemporâneos para a superação da crise socioracial e evolução da identidade afroamericana nos Estados Unidos através dos meios de comunicação, renovando assim, em um processo de interação, suas pertencas a certos grupos sociais, assim como define Habermas:

As ações comunicativas não são exclusivamente processos de interpretação em que o conhecimento cultural fica exposto ao teste do mundo, significam ao mesmo tempo processos de interação social e socialização [...] através dos quais os participantes desenvolvem, confirmar e renovam tanto sua identidade

como sua pertença a certos grupos sociais.(HABERMAS 1987, p.198)

A ESCOLA DE FRANKFURT E A PROBLEMÁTICA DE ADORNO

Também conhecida posteriormente como Teoria Crítica (por contrapor a Teoria Tradicional), A Escola de Frankfurt é um conjunto de ideários fomentados em Frankfurt, na Alemanha da década de 20, de cunho marxista que estuda a mídia como ferramenta dissolucionadora de fronteiras entre educação, consumo, informação e política e como os meios de massa influenciam diretamente na sociedade, (cabendo aqui também seus efeitos nocivos no tange a formação crítica da sociedade) que é tratada de forma não setorizada ou segmentada de qualquer forma.

Além disso, os teóricos da escola frankfurtiana acreditavam no poder dos fenômenos comunicacionais no que permeia os impactos produzidos na sociedade. Dessa forma, comunicação e sociedade estão atrelados diretamente um ao outro, não fazendo qualquer sentido desatá-los.

Nessa perspectiva, da leva de filósofos representantes dessa escola, como Jurgen Habermas e Theodor W. Adorno, destaca-se o último na criação de uma vertente crítica do termo Industria Cultural. Esta ressignifica o produto no que tange sua funcionalidade e representação. Adorno defende que produtos de cultura de massa, como livros, filmes e músicas são usados não para seus fins primitivos de entretenimento e contribuição de formação crítica dos cidadãos, mas como objetos de manipulação político econômico

cos e alienação.

Ultrapassando de longe o teatro de ilusões, o filme não deixa mais à fantasia e ao pensamento dos espectadores nenhuma dimensão na qual estes possam, sem perder o fio, passear e divagar no quadro da obra fílmica permanecendo, no entanto, livres do controle de seus dados exatos, e é assim precisamente que o filme adentra o espectador entregue a ele para se identificar imediatamente com a realidade. Atualmente, a atrofia da imaginação e da espontaneidade do consumidor cultural não precisa ser reduzida a mecanismos psicológicos. Os próprios produtos (...) paralisam essas capacidade em virtude de sua própria constituição objetiva (ADORNO & HORKHEIMER, 1997,P. 119).

Nessa ótica, este artigo contrapõe o teórico supracitado afim de defender o ponto central de seu cerne. Dessa forma, defende-se veementemente a participação dos produtos culturais de massa na construção e desconstrução de paradigmas, movimentos sociais e contribuição da formação crítica dos cidadãos.

A população negra não teve voz ativa em grande parte da história ocidental até o surgimento das primeiras formas de comunicação de massa. Logo, é de suma importância para a história de sublevação desse contingente a produção de objetos (cabe aqui personagens célebres, filmes, músicas) de cultura massiva que se comuniquem por eles até que suas vozes sejam suficientemente altas para serem ouvidas. Grandes representantes da cultura negra se fizeram valer através de produtos de massa como filmes e músicas. Billie Holiday jamais cantaria Strange Fruit em um dos grandes anfiteatros sulistas onde se apresentavam grandes cantores country, até que sua voz pôde ser ouvida nas rádios sem que se notasse a cor de sua pele. Dessa forma, Adorno se perde no que Morin define pela quebra de complexidade de um objeto ao

fragmentá-lo, diminuindo consigo as chances de compreensão e reflexão, tangendo os produtos de massa que possuem as características defendidas anteriormente.

Entretanto, esse artigo consegue ir de encontro com a teoria comunicacional frankfurtiana no aspecto que define a comunicação como ferramenta de suma importância para ocorrência de mudanças sociais e de integração populacional, assim como afirma a seguir:

Em primeiro lugar, a comunicação representa um processo de entendimento recíproco entre as pessoas, que serve para transmitir e renovar o conhecimento comum gerado no passado. As pessoas se comunicam para conseguir um entendimento sobre certos estados de coisas, mas, para fazê-lo, necessitam colocar dentro de uma tradição cultural, que empregam, reproduzem, criticam e renovam.

(...) Constitui um mecanismo de integração, que possibilita às pessoas se relacionarem socialmente conforme determinados princípios de legitimidade. As pessoas se comunicam como sujeitos sociais, mas para que isso ocorra, precisam cumprir certas regras que não só regulam sua pertença a certos grupos como reforçam, por extensão, a coesão de toda a sociedade. (HABERMAS, 2001, p. 101)

Dessa forma, traduz-se a ambivalência defendida por Edgar Morin, envolvendo a sensibilidade de analisar o objeto por diferentes óticas para poder entender o acontecimento, tratado aqui pelo racismo estadunidense, trazendo para a problemática racista a visão popular e cultural.

DE JAMES BROWN À VOGUING...

Creio que a complexidade favorece a ação, pois dá a medida dos verdadeiros riscos e das verdadeiras oportunidades (MORIN, 2013 p. 24).

Nessa perspectiva, vemos o começo da ação de efervescência de vários movimentos negros nas mídias de massa, assim que eles conheceram as verdadeiras oportunidades dessa estratégia.

A *black music* caminhou a passos largos no que engloba o lançamento de hits e artistas consagrados. Na primeira metade do século passado o gênero se consolidou em vozes como a de Etta James, Ray Charles, James Brown e Ella Fitzgerald. No entanto, o sucesso de tais artistas se mostrava paradoxal ao contexto ao qual estavam inseridos. Nos holofotes a veneração não era condizente com a atmosfera que pairava na maioria dos estados do país. A emulação de um *apartheid* resultante de leis segregacionistas bloqueava a evolução e efervescência de uma cultura clandestina que só se registrava fora das câmeras. Entretanto, a fidelização de artistas negros no cotidiano norte-americano, mesmo que de forma superficial, foi necessário para a autoafirmação dessa parte da população. Assim, na outra metade do mesmo século, permitiu-se a inserção de novas personalidades que transcenderiam a questão racial, tais como Marvin Gaye, Oprah Winfrey, Whitney Houston e Michael Jackson. A partir desse momento, começa-se a explorar a cultura negra de forma voraz, ainda que parte dela fosse marginalizada, como o rap e hip-hop.

Já no final dos anos 60, deu-se início um movimento decisivo na exposição da cultura negra nas

mídias de massa. Adotando um termo proeminente de um livro de 1956 de Richard Wright, *Black Power*, essa marcha catapultou o orgulho racial e a criação de instituições culturais, principalmente nos produtos culturais de massa, como a substituição do estereótipo de beleza americano por um ator negro, Sidney Portier, no filme “Adivinhe quem vem para jantar”. O símbolo mais emblemático desse movimento é o penteado afrohair, que ainda remete valores e conceitos dessa corrente pró-racial.



Figura 1: Arte do movimento Black Power.

Fonte: amantes da vida

A partir do panorama da efervescência de novos tipos de expressão na cultura negra, no fim dos anos 80, fomenta-se um movimento de jovens gays negros no bairro periférico do Harlem, em Nova York, chamado Voguing. A esse movimento atribuí-se algo muito característico provido de Morin: “A incerteza estimula porque convoca a aposta e a estratégia”. A estratégia desse grupo era sobreviver a base de sua própria cultura, construir uma identidade calcada naquilo que lhes era familiar. Nesse movimento, cada grupo era formado em média por seis participantes com um líder, e denominavam-se de forma padronizada como “House Of...” inserindo no final o nome de seu clã. Havia disputas de dança entre os participantes em que eles emulavam poses de modelos saídas da

revista Vogue. Com a força dessa concentração, uma das cantoras de maior sucesso da época, Madonna, gravou uma música homenageando-os, chamada Vogue, junto de um clipe em que a coreografia consistia nos mesmos passos.

Dessa forma, ela acabara de aderir à cultura negra a qualidade *fierceness*, que seria muito explorada anos mais tarde por artistas como Beyoncé e Rihanna. Assim, Madonna não só consegue dar voz e visibilidade à população negra, como os transporta para um lado mais “elitizado”, segundo as mídias convencionais, que só começaram a reportar esse movimento após o lançamento do clipe. Ainda nesse mesmo sentido, a junção da música pop branca de massa e o movimento voguing, dos jovens negros norte-americanos cria para a cultura negra o princípio da esperança definido por Viveret. Ele é composto por três elementos: o improvável (a percepção de Madonna), as possibilidades criadores (os grupos voguing nos subterrâneos de Nova York) e a metamorfose (elitização do movimento).



Figura 2: Movimento Voguing da população LGBT negra.

Fonte: soulbeats



Figure 3: Excerto do clipe Vogue.
Fonte: entretenimento.r7.

BLACK IS THE NEW BLACK.....

Apesar da visita, apropriação de elementos culturais e da exploração do movimento negro, com a ascendência do hip-hop e rap com artistas ativistas como 2Pac, a herança discriminatória histórica ainda permanece no cerne da cultura norte-americana. No documentário gravado sobre a pesquisa da Professora Jane Elliott, *Blue Eyes, Brown Eyes*, é evidente, através das dinâmicas da pesquisadora, parafraseando-a, que aprendemos no colo de nossas mães a como insultar e discriminar, tornando inerente à população americana o preconceito.

Entretanto, na sociedade hodierna, temos a dominação da indústria fonográfica por artistas afro-americanos. Entre eles estão Jay-Z, Kanye West, Usher, Beyoncé e Rihanna. No entanto, parte da preocupação dos dois primeiros a inserção do rap e do hip-hop na arte e na revisitação do passado mártir no intuito de sublevar suas posições e afirmar de vez a cultura negra como parte da história americana e da elite musical e artística através de seus trabalhos, focando,

principalmente, em seus mais recentes lançamentos, “Yeezus” e “Magna Carta Holy Grail”.

KANYE WEST

Com sons agressivos de sintetizadores, Kanye lança ao mundo a música “New Slaves”, primeiro single de “Yeezus”. O rapper canta na faixa a história do preconceito racial, introduzindo nela nomes de marca e estilistas de grife. Dessa forma, além de criar uma crítica tangível, ele evoca o elitismo e faz uma associação de causa e efeito, trazendo para si a atenção daqueles que ele critica.

What you want a Bentley, fur coat and diamond chain? / All you blacks

want all the same things / Used to only be niggas now everybody play

me / Spending everything on Alexander Wang / New Slaves (Trecho de

“New Slaves” disponível no álbum “Yeezus”)

JAY-Z

De sonoridade mais leve, com elementos de jazz, blues e soul e a raiz do hip-hop, Jay-Z traz elementos sofisticados para o seu trabalho. O título e a capa são, respectivamente, associações de acontecimentos históricos e uma obra de arte chamada Altheus e Arethuza (Itália, 1568-70).



Figure 4: Capa e obra original.

Fonte: www.complex.com

Como divulgação desse trabalho, Jay-Z inverte a lógica do show business e apresenta-se a uma pessoa por vez, em uma performance de seis horas na Pace Gallery, em Nova Iorque. Encerra-se essa análise com uma citação de Gouldner a respeito das lógicas dos formadores de opinião, de que agora fazem parte negros, que foi dada, principalmente, pela tentativa de sublevação desses do estereótipo escravista e inferiorizado nos meios de comunicação, desde a época de ouro do rádio com Billie Holiday, até a sofisticação do hip-hop com artistas como Jay-Z e Kanye West.

[...]esta comunicação pode servir, e geralmente serve, como instrumento mediante o qual os formadores de opinião reconhecidos transmitem e reforçam as mensagens dos meios de informação, [...] ela também pode originar uma visão crítica desses meios e implantar uma nova linguagem, um novo conjunto de valores e habilidades, além de um corpo de informação em conflito com os promovidos pelos meios dominantes. (GOULDNER, 1978, p. 194)

PANORAMA ATUAL E A INTERNET

Seria impossível abordar um tema como este, que traz à tona algumas perspectivas sobre os meios de comunicação e manifestações culturais e seus respectivos impactos em um grupo de pessoas, sem mencionar a internet e as redes sociais.

Em primeira análise e de forma a conceituar, de certa forma, a internet e as redes sociais, é importante a sumarização desses para que tenhamos um alicerce maduro sobre o que abordar nesses dois campos:

Está claro que a Internet não deve ser pensada apenas como mais um meio físico de transmissão de informação, como no passado foram pesquisados outros meios, como o rádio e a televisão, e nem as redes sociais devem ser consideradas apenas como uma nova orma de comportamento social dos jovens. Como previu McLuhan, o que estamos assistindo neste momento é provavelmente a uma mudança de paradigma cultural semelhante ao produzido no século XV com a invenção da imprensa, mas agora com o vetor invertido. Como o teórico canadense reiterou várias vezes em seus livros e entrevistas, a adoção de um novo meio de comunicação numa cultura transforma a experiência fenomenológica de seus participantes e, portanto, sua maneira de sentir, conhecer e comunicar sobre a realidade a sua volta. (ROMANINI, 2012, p. 66)

Por essa definição, podemos entender alguns aspectos característicos do pensamento de McLuhan sobre os avanços tecnológicos e sobre a formatação de um novo tipo de comunicação. Assim, a partir dele se forma uma análise mais profunda que nos ajuda

a formalizar o que muitas vezes se perde em *bytes* e cliques e parece rarefeito em nossas mentes. O cyberspaço é uma rede complexa de informações e é uma forma de se comunicar nova que gera experiências fenomenológicas e parece transcender a tela.

No entanto, ela tem duas vertentes que são paradoxais e igualmente positiva e negativa para o avanço do senso crítico e humano da sociedade e, em pauta, da desconstrução do racismo e da sublevação da raça negra.

Tomando-se o cyberspaço como um promotor público de discussões, ele funciona como uma ferramenta de expansão das mais diversas opiniões, promovendo o debate de maneira direta e ampla. No entanto, tais experiências fenomenológicas constroem uma realidade que não se limita ao espaço virtual, de modo que, ao final dessa construção comunicacional, determinados aspectos sejam refratados para a realidade e tomados como verdade ou como passos para tal. Em suma, o que ocorre é que, mesmo sendo um espaço para a uma possível quebra de paradigmas e uma discussão crescente, o cyberspaço permite que as realizações que ali ocorrem transpassem para a realidade e com isso, práticas racistas e de superiorização caucasiana também estejam sujeitas a esse transporte.

A comunicação em rede traz especificidades que lhe atribui características próprias e, com isso, erige-se uma maneira de dialogar com o mundo diferente. Há uma fluência de pensamentos muito mais livre e de maneira mais crua, uma vez que esses não atravessam o filtro existente em um diálogo sem intermédio de um computador, de modo que a coerção social preconizada por Durkheim é mais manipulável individualmente. A partir disso é compreensível que ideias

sejam expostas de maneira mais confortável dentro do cyberspaço e, com isso, práticas que incluem o subjugar do negro, se tornam mais visíveis. Não sendo o cyberspaço limitado a tela, o subjugar do negro transporta-se para a TV, para a moda, para o cotidiano das pessoas e para a música. Cabe a ressalva, porém, de que, da mesma forma que o racismo bebe dessa fonte, movimentos contrários a ele e a favor da luta contra o preconceito também usufruem desse aspecto e se manifestam em meios diversos.

A luta e o ataque estão no mesmo campo de batalha. Dessa forma, McLuhan preconizara que a aldeia global não iria necessariamente resultar em um ambiente comunicacional harmônico (ROMANINI, 2012). Logo, mostra-se evidente, sendo um dos problemas mais enfáticos da era digital, que as problemáticas apontadas por esse artigo que tangem a questão racial não seriam sobrepujadas por comportamentos mais críticos e libertários instantaneamente.

Implica, sim, que cada participante das novas mídias terá um envolvimento gigantesco na vida dos demais membros, que terá a chance de meter o bedelho onde bem quiser e fazer o uso que quiser das informações que conseguir. (ROMANINI, 2012, p. 68)

Assim, segue-se um exemplo moderno do poderio caucasiano forçando o clique de seus mouses e teclados na era digital, que remetem, de forma aterrorizante, as antigas formas de coerção racial. É instigante, de certa forma, que a modernidade dos meios de comunicação digitais ainda atrelem em seus dados demonstrações de aspectos tão arcaicos.



Figura 5: imagem Facebook

Fonte: demimmesmabelbaptista.blogspot.com.br

Esse caso, difundido de forma voraz nas redes sociais, uma mulher negra é vítima de um grupo de adolescentes que fotografaram o carinho de seu marido no momento de suas voltas para casa, junto da presença de sua filha. A foto foi divulgada abertamente na rede social Facebook, junto de comentários como “e a neguinha tava gostando ainda” e “poder africano”, de forma a criar uma situação inteiramente descontextualizada de abuso, com altos teores de racismo e misoginia. Desta forma, a mulher negra vitimada neste ato poderia ser qualquer um dos milhares de escravos pendurados nos choupos.

Entretanto, não se dispensa o papel da internet de forma a contribuir com a construção de discursos críticos contra levantes de misoginia, homofobia e o foco deste trabalho, o racismo. Esse episódio específico deliberou processos de racismo e uma comoção impetuosa nas redes sociais, que se não serviu para transmutar o pensamento crítico de todos que compartilharam e vitimaram a negra da foto, não se refratou de forma indiferente, e mesmo que de for-

ma coercitiva, as demonstrações racistas circuladas nas redes se tornam cada vez mais raras e significadas como ataques retrógrados e o ego dos internautas assíduos não os permitiria ser categorizados como arcaicos, remetendo, assim, a VIVERET (2013, p. 31), “...o que acontece com a crise não passa de uma lente de aumento de mutações muito mais profundas e muito mais longas”.

CULTURA

No cerne das questões raciais da hodiernidade estão presentes dúvidas, mas o que assustam são as certezas daqueles que oprimem e subjagam uma raça que consideram inferior a sua. Essa crise, que engloba a economia e o social, alastra-se por anos afincos.

Atando-se, principalmente, à sociedade norteamericana, a forma como os negros se utilizaram da cultura para ativar suas vozes mostra como viver em tempo de crise. Desde a época de ouro com Billie Holiday e Nina Simone, passando pelo Black Power, por Voguing e por artistas contemporâneos como Jay-Z e Kanye West, chegando finalmente ao poder das redes sociais, é inegável como a impulsão e a refração da mensagem transmitida por esse contingente é poderosa, apesar de ainda insuficiente.

A sublevação não ocorrerá instantaneamente, mas de certa forma, a pequenos passos e por meio de meios crus da cultura como a música, filmes e a televisão, chegando a meios mais modernos como a internet, suas mensagens se ecoarão e talvez façam que um dia, elas se igualem a sons caucasianos, assim como conseguiram elevar a cultura negra à padrões

tão elitistas como as daqueles que os subjulgavam.

Viveret reflete “como criar um espaço que reúna condições de aceitação da alteridade e, portanto, do pluralismo e da tolerância?”. Aqui, a cultura responde a questão. Da mesma forma que Billie Holiday ziguezagueou pelos choupos para dar voz aos negros, a cultura também os fará. No entanto, a cultura não é algo tangível ou uma Instituição. Ela é sim algo antropomórfico e realizado pelas mãos daqueles que a constroem e a tolerância e pluralidade está sendo construída pelos negros cantando, dançando, atuando e até sendo presidente da maior potência mundial. Essa é a forma a qual eles superam os tempos de crise.

REFERÊNCIAS

- AGGER, Ben. *Cultural Studies as Critical Theory*. London/Washington DC: The Falmer Press, 1992.
<http://amantesdavid.com.br/black-is-beautiful> (Acessado em 19/09/2013)
<http://www.complex.com/art-design/2013/07/jay-zs-album-art-for-magna-carta-holy-grail-comes-from-this-sculpture> (Acessado em 19/09/2013)
<http://demimmesmabelbaptista.blogspot.com.br/2012/01/acho-que-nasci-no-planeta-errado.html> (Acessado em 05/12/2013)
<http://entretenimento.r7.com/musica/fotos/madonna-em-18-fotos-13.html> (Acessado em 18/09/2013)
 MORIN, Edgar; VIVERET, Patrick. *Como Viver Em Tempo de Crise?*. Editora Bertrand Brasil, 2013.
 ROMANINI, VINICIUS. “Tudo azul no universo das redes.” *Revista USP* 92 (2012).
 RÜDIGER, Francisco. “A escola de Frankfurt.” *Teorias da Comunicação*. Petrópolis: Editora Vozes (2001).
 RÜDIGER, Francisco. “As Teorias da Comunicação: Wiener, McLuhan e herdeiros: o paradigma midiológico.” *Teorias da Comunicação*. Petrópolis: Editora Vozes (2001).
<http://seoulbeats.com/2013/09/serving-shinhwa-re-ality-voguing-urban-lgbtq-culture-k-pop/> (Acessado em 19/09/2013)
<http://veja.abril.com.br/historia/morte-martin-luther-king/historia-negros-escravidao-segregacao-igualdade.shtml> (Acessado em 19/09/2013)